

A língua portuguesa para além dos números

A Língua Portuguesa na sua dimensão maior e plural, uma língua que fruto da história dos seus falantes conhece hoje uma dimensão global não negligenciável no contexto das línguas de comunicação global, celebra anualmente, o seu dia mundial.

Perguntarão acerca do título deste texto, porquê para além dos números? Então não é importante dizer que os falantes de língua portuguesa serão cerca de 270 milhões? Que é a 5.^a língua mais falada no mundo? A 3.^a Língua Europeia mais falada no mundo? A língua mais falada no hemisfério sul? Não é importante dizer que é a 6.^a língua mais usada da internet com mais de 170 milhões de utilizadores, representando 3,7% do total (números já de 2023)¹? Que em 2030 terá, provavelmente, 350 milhões de falantes apenas como língua materna? No entanto, provavelmente deveríamos estar preocupados por os falantes de português produzirem apenas 1,5% (11.º) dos conteúdos na Internet². Se não considerarmos a importante componente da produção de conteúdos, os números são interessantes. Têm sido sempre.

Pensemos o que poderiam ser estes números se em todos os países membros da CPLP houvesse uma rede elétrica fiável onde não fosse preciso ter estabilizadores de corrente, geradores a consumir energia de fontes fósseis, houvesse em todos os Estados-Membros da organização, uma infraestrutura de acesso à rede com uma velocidade que pudesse garantir comunicações estáveis e acesso a repositórios científicos abertos ou a Ensino a Distância de forma razoável. Aquilo que, urbanamente, tomamos por adquirido em Portugal.

Qual é a solução? Um pensamento arrojado sobre possíveis soluções seria consignar meios orçamentais para promover o desenvolvimento de infraestruturas de telecomunicações e de fornecimento de energia. O que é preciso para promover essa solução? Capacidade de investimento. Como? Conseguindo que a CPLP tenha uma forte componente de cooperação que

¹ [Most Popular Languages Used on the Internet by 2023 \(optimational.com\)](https://www.optimational.com/blog/most-popular-languages-used-on-the-internet-by-2023)

² [Most used languages online by share of websites 2023 | Statista.](https://www.statista.com/statistics/1107116/most-used-languages-online-by-share-of-websites-2023/)

responda às necessidades identificadas (não apenas na infraestrutura tecnológica) pelos países que a compõem. No entanto, considerando a realidade económica dos cidadãos de muitos Países-Membros da CPLP argumentar-se-á, com muita razão, que as pessoas não comem tecnologia e sem alimentação não há bom desempenho escolar. É verdade, mas as pessoas também não comem língua, mas precisam dela para reclamar por condições de vida dignas. A língua e as condições para o seu uso no exercício efetivo da cidadania, como fator de mudança social, têm de fazer parte das políticas públicas para o desenvolvimento.

Quando o simbólico é uma névoa sobre o real. Uma retórica herdada do passado que é preciso superar

É importante, no que toca à língua portuguesa, separar a dimensão simbólica da língua portuguesa da sua dimensão mais dinâmica, atuante, humana, geradora de discursos em todos os sentidos de uso e atualização e a mais globalmente relevante. A dimensão simbólica está refém de um passado construído e reconstruído, imaginado e imaginário, escrito, reescrito, épico, produzido e disseminado sobretudo em momentos da História de Portugal – a língua companheira da epopeia e para além dela –, quando tudo o resto nos penalizava como Nação e nos mostrou “a pequenez de lideranças incapazes, indignas da grandeza dos feitos passados e desligadas do povo que os sustenta”³. Esta dimensão simbólica é ainda hoje a que tende a prejudicar a dimensão efetiva, real e dinâmica da língua portuguesa hoje e, sobretudo depois da Revolução do 25 de Abril, que tornou a Língua Portuguesa realmente internacional partilhada pelos falantes dos países que se tornaram independentes e mais tarde vieram a constituir a CPLP e contribuíram decisivamente para a sua dimensão atual de língua global. Foram as nações

³ Não se trata de uma citação, mas de uma amalgama de pensamentos recorrentes sobre a incapacidade das elites portuguesas contribuírem para o desenvolvimento do país. As elites portuguesas têm, historicamente e com algumas exceções que sempre existem, vergonha dos portugueses. Mantiveram-no pobre e ignorante durante séculos e depois não se identificam com o resultado da sua criação, recusam a paternidade.

que resultaram do fim do colonialismo que deram dimensão à língua portuguesa como língua pluricontinental e já não apenas bicontinental.

Foram os falantes que a tornaram pluricêntrica e não apenas euro-americana como foi vista durante cerca século e meio. Esta dimensão simbólica é ainda hoje muito partilhada nas esferas de poder e é ainda usada com um fervor patriótico serôdio, com forte odor a naftalina, eivada de posse que contraria o que Adriano Moreira⁴, que viveu vários momentos políticos de boa parte da História de Portugal dos séculos XX e XXI, soube explicar de forma clara: “A língua portuguesa não é nossa, também é nossa”. Quer dizer, uma língua partilhada como património comum em partes iguais, sem sócios maioritários.

A dimensão simbólica e potenciadora de componentes míticas tão ao jeito messiânico, saudosista e também profético, alimenta simultaneamente os que se consideram donos da língua e os que à maneira francófona, falam de universalismo, com tudo o que isso implica de obliteração do passado colonial.

O que devemos ter em mente, num contexto como o de hoje, são questões como “Qual é o papel de uma língua global?”, “Que contribuições pode / deve / tem uma língua global de proporcionar para o desenvolvimento dos povos que falam e partilham essa língua?”.

Os desafios que se colocam hoje à língua portuguesa são, como já muitas vezes referi, os desafios e as responsabilidades que enfrentam os falantes dos países mais desenvolvidos, falantes das línguas de expressão global, para com os falantes dessas mesmas línguas em países em desenvolvimento. Se preferirem, dos falantes das antigas potências coloniais, para com os falantes dos países que se tornaram independentes libertando-se do colonialismo social e político ou do Norte Global para com o Sul Global.

Uma língua de dimensão global tem de ter, de entre outros requisitos, como fator decisivo, o de ser uma língua de ciência. A obrigação dos falantes de português que produzem ciência é o de partilharem esse conhecimento,

⁴ Adriano Moreira (1922-2022) nasceu no fim da I República, cresceu e serviu o Estado Novo. Homem inteligente e de discurso claro, serviu depois a II República saída da Revolução de Abril de 1974, tendo feito parte de uma direita democrática que acreditou na mudança, num reencontro com a História e a libertação dos povos. A sua morte encerra este período de pensamento ideológico autónomo à direita.

contribuir para a difusão e transferência comum do conhecimento, na formação de quadros, na qualidade da comunicação na transmissão dos saberes em português. Não há desenvolvimento sem educação de qualidade, não há crescimento económico sem partilha de saberes técnicos e científicos, que permitam aos povos tirar proveito da língua de comunicação internacional que falam e com os saberes adquiridos nessa língua.

O real valor de uma língua global é ser capaz de levar conhecimento e desenvolvimento e bem-estar a todos os que a falam.

É neste entendimento que uma língua para ter valor – e poder depois acrescentar outros valores –, tem de ser uma língua de ciência. Hoje, uma língua, uma língua cujos líderes políticos afirmam ser uma língua de dimensão global, que não produza ciência, saber e tecnologia, é uma língua a que as suas elites políticas falham no incentivar, no sensibilizar e no promover ativamente nas elites científicas e tecnológicas o dever crucial de disseminadores, multiplicadores, transmissores para a educação e cultura, perante os demais falantes. São os falantes que as elites políticas e científicas ignoram que farão o seu juízo sobre a capacidade de a sua língua (materna ou oficial) ser veículo e desenvolvimento e bem-estar.

Se assim não acontecer, estamos perante uma língua sem futuro, pelo menos nesta sua dimensão útil ao desenvolvimento, à criação de pensamento crítico e multiplicador de saberes. Sem esta dimensão pragmática, a língua portuguesa será inevitavelmente substituída por outra que seja capaz de dar ao falante individual ou socialmente considerado, o que ele precisa para ser mais hoje do que foi ontem e ter confiança de que poderá ser mais amanhã, como indivíduo, como cidadão, como membro de uma família, grupo, comunidade, entendida no âmbito local das relações do quotidiano ou à escala de uma pertença maior, política, geográfica, nacional ou internacional.

Do que atrás se disse não se infira que os cientistas portugueses não produzam, não publiquem noutras línguas. É essencial que a produção científica em língua portuguesa chegue a falantes limitados a outras línguas globais onde o monolinguismo é uma realidade endémica. O que é preciso ter

em mente é que na área geográfica da CPLP se não houver acesso à produção científica em língua portuguesa os produtores de ciência que apenas escolhem publicar em inglês ou noutra língua estrangeira, estão a impedir, a excluir ou a limitar o acesso ao conhecimento e a colocar falantes de português nas margens da difusão do conhecimento, milhões de jovens que não são falantes de inglês, francês, ou espanhol.

Amílcar Cabral⁵ referiu que “O português (língua) é uma das melhores coisas que os tucas nos deixaram, [e explica] porque a língua não é prova de mais nada se não um instrumento, para os homens se relacionarem uns com os outros, é um instrumento, um meio para falar, para exprimir as realidades da vida e do mundo.” (CABRAL, 1974a: 214)

Como todas as frases célebres esta também tem um contexto. Mas é um contexto que ilustra o que escrevi antes.

Dir-me-ão que estas preocupações não são partilhadas pelo comum dos utilizadores da língua, a quem faltará um sentido estratégico ou político na sua utilização quotidiana da língua. Eu direi que essa preocupação está sempre presente (não tem que ser consciente ou explicitada) nas decisões de política de língua ao nível do núcleo familiar. As comunidades emigradas são exemplo dessas decisões. A transmissão da língua materna dos pais foi, em muitos casos, substituída pela língua do país de acolhimento pela pressão do contexto, pela vontade de integração, pela pouca autoestima em relação à sua língua e pela vontade de fornecer aos filhos a possibilidade de, na língua de acolhimento, subir o designado elevador social e deixar a pobreza que os fez partir do país de origem.

Referi antes que a noção de valor de uma língua global não se limita a uma dimensão essencial de ligação ao conhecimento, educação e ciência. Outras dimensões constituem componentes relevantes como a dimensão económica que Luís Reto e o seu grupo de investigação têm destacado e dado substância no que respeita à língua portuguesa, e nesse aspeto, devemos associar a dimensão solidária, que nos revela que uma língua a que associamos valor

⁵ CABRAL, Amílcar, 1974a – *P.A.I.G.C.: Unidade e Luta*. Lisboa: Nova Aurora.

económico, devem os seus líderes associar o valor redistributivo que a eliminação dos custos de contexto entre falantes de uma mesma língua deve proporcionar.

Mas há também o valor cooperativo de uma língua de contacto que, inevitavelmente, confronta uma língua partilhada globalmente. Uma língua partilhada não está sozinha no espaço social em que convive e nas mudanças sociais que provoca. Numa perspetiva ecolinguística, o respeito pela diversidade linguística é essencial para promover a cidadania ativa, a expressão linguística e cultural dos falantes que a usam, seja como língua materna ou não materna.

Valorizar as línguas de contacto é valorizar um património ecolinguístico comum

Uma língua materna, independentemente de ser ágrafa ou não, não deve ser excluída, por exemplo, do processo de aprendizagem inicial do falante, haja ou não uma standardização gramatical ou ortográfica. Os diferentes estados de desenvolvimento dos processos de investigação linguística sobre as línguas nacionais em África ou noutros continentes, sendo importantes, não devem servir de desculpa para a segregação dessas línguas no espaço da aprendizagem formal.

A transmissão oral tradicional em culturas de línguas ágrafas fazem parte da cultura de aprendizagem dos falantes dessas línguas, é um forte incentivo à agilização da memória individual e coletiva. A ideia de que a educação escolar é uma aprendizagem primordialmente fundada na escrita, é um preconceito de falantes de uma cultura veiculada pela escrita e é um obstáculo à aprendizagem em geral e à valorização das línguas da família e da comunidade em particular. Se queremos uma valorização mútua das línguas que partilham o mesmo espaço, temos de perceber que há um caminho de cultura de aprendizagem a percorrer. A língua portuguesa deve conviver e valorizar-se, com a valorização das línguas com quem partilha espaço e falantes.

Sobre as Instituições multilaterais internacionais

Sendo breve e deixando de parte análises mais profundas, a língua portuguesa enquanto língua de expressão global partilha outros palcos com outras línguas internacionais. Um desses espaços são as organizações multilaterais internacionais, políticas/diplomáticas, económicas, militares, desportivas. Algumas de ordem global em conjunto com os restantes países da CPLP, outras em que estão presentes um, dois ou parte do conjunto da CPLP, nas Américas (Mercosul, OEI - transcontinental), em África (UA, SADC, CEDAO), na Europa (UE) só para citar algumas mais conhecidas em que a língua portuguesa é língua oficial. É um trabalho de implementação ainda com um caminho a percorrer.

Nas organizações regionais africanas, basta ir aos portais de internet dessas organizações para perceber a limitação do uso da língua portuguesa. Uma língua oficial tem custos, tem consequências e obrigações que começam, mas não acabam com o ato de oficialização. É um compromisso de longo prazo, para a criação de condições operacionais o que inclui também a existência de tradutores com várias especificidades e intérpretes de conferência. Se entre os países da CPLP há aquilo a que se chama “Estados frágeis” ou com menos capacidade contributiva, o conjunto da CPLP tem a obrigação de suprir essas dificuldades porque a língua portuguesa é um dos pilares estruturantes da organização.

Neste contexto, temos de nos questionar sobre as ambições oficiais dos Estados-Membros da CPLP em relação a tornar a língua portuguesa, língua oficial da ONU⁶. Se nem nas organizações de âmbito regional consegue, ao fim de décadas, manter um páginas em língua portuguesa na sua plenitude.

Portugal tem, por razões históricas, uma organização institucional relativamente estável em termos de política de língua externa. Apesar das vicissitudes ao longo de quase um século desde a criação da Junta de Educação Nacional e das instituições que lhe sucederam até à criação do

⁶ Ainda neste ano de 2023, na 14.ª Cimeira da CPLP, em S. Tomé e Príncipe, o Presidente do Brasil, Luis Inácio Lula da Silva, afirmou a vontade de fazer da Língua Portuguesa uma das línguas oficiais da ONU. [Lula da Silva defende português como língua oficial na ONU - Forbes África Lusófona \(forbesafricalusofona.com\)](https://forbesafricalusofona.com), [Lula quer que CPLP proponha português como língua oficial da ONU \(tsf.pt\)](https://tsf.pt), [Lula cobra ONU para que adote o português como língua oficial \(realtime1.com.br\)](https://realtime1.com.br)

Instituto Camões, o Estado Português estabeleceu uma tradição em relação à investigação científica, à cultura e, mais tarde, à promoção da língua portuguesa no exterior. Houve muitos momentos de indefinição, de avanços significativos, de impasses. Neste longo período, os últimos 30 anos marcaram uma mudança substantiva.

As tutelas políticas fizeram discursos inflamados sobre a importância da língua portuguesa no mundo, mas, ainda assim e apesar dos avanços a que aludi acima, a esses discursos nunca correspondeu um investimento sustentado. Não basta dizer que se acredita. A política de língua não é uma religião, a língua não é uma questão de fé, mesmo que o Evangelho de João se inicie por “No princípio era o verbo”, retomado do Génesis.

Uma política de língua não se faz, nem se estabelece interna ou externamente, ou se desenvolve e sustenta sem, por um lado, haver coerência, constância e consenso nacional, nem sem, por outro lado, haver sustentação orçamental que não comprometa o que o discurso inflamado afirma. É preciso investimento que sustente formação, investigação, nomeadamente em tecnologia nas áreas linguísticas ligadas a uma presença relevante em todos os ambientes da crescente relação do falante com a máquina⁷ e na área do ensino.

É preciso que a Instituição não seja considerada um lugar de pausa entre colocações em postos diplomáticos, que seja dirigida por especialistas da área crítica a que se dedica (língua, cultura e cooperação) que consiga colocar ao serviço da língua toda a sua capacidade política para executar o que lhe continua estatutariamente atribuído em termos de política externa e a que a fusão em 2012 veio acrescentar a área da cooperação que pode potenciar uma nova orgânica do Instituto.

Entre janeiro e junho de 2023, o Camões, IP não teve presidente nomeado. Nem se notaram até àquele mês sinais de preocupação. A notícia da nomeação foi discreta e semanas depois nem sequer constava do Portal do Camões IP, o que, naturalmente, a seu tempo aconteceu, agora que o

⁷ Os recentes resultados do projeto Albertina PT marcam um grande passo em frente nesta matéria. [Já conhece o Albertina PT? | Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa \(ulisboa.pt\)](https://www.ulisboa.pt/pt/actualidade/2023/05/05/ja-conhece-o-Albertina-PT-Faculdade-de-Ciencias-da-Universidade-de-Lisboa)

preenchimento do lugar se concretizou. Não se conhecia, na história da instituição, uma situação de vacatura na Instituição. Tudo tem um significado.

As últimas eleições no Brasil são um sinal de que a língua portuguesa pode voltar a ver tempos favoráveis numa perspetiva internacional, não sei se voltará ao dinamismo e às expectativas criadas nos dois primeiros mandatos de Lula da Silva, mas o certo é que depois de Lula da Silva, a cooperação em matéria de língua entre Portugal e o Brasil, seja do ponto de vista bilateral seja multilateral no seio da CPLP não voltou a ser a mesma, com a exceção positiva da revitalização momentânea do IILP durante o período em que houve empenho na construção do VOLP (Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa) e dos VON (Vocabulário Ortográfico Nacional) de cada país da CPLP ou do VOC (Vocabulário Ortográfico Comum), na sequência das orientações resultantes da II Conferência internacional sobre Futuro da Língua Portuguesa no Sistema Mundial realizada em Lisboa, em outubro de 2013.

A propósito destas Conferências que até agora tiveram 4 edições desde 2010 em Brasília, Cabo Verde foi o palco da IV edição em 2019. Como a periodicidade é de 3 anos (a III Conferência foi em Díli em 2016). A pandemia justificará que os necessários trabalhos preparatórios não tenham sido possíveis para a sua realização pós pandémica, provavelmente em 2023, ou 2024.

Numa iniciativa tão importante de cooperação internacional sobre a língua portuguesa seria de esperar que se publicassem as memórias, as atas, as conferências e comunicações e não apenas os Planos de Ação que delas resultaram. Aconselho vivamente uma pesquisa na internet ou questionar a CPLP sobre o paradeiro desse espólio de contribuições de tantos especialistas em língua portuguesa dos países da CPLP.

A língua portuguesa é uma língua global, tem futuro e terá futuro certamente. Algumas vezes apesar dos seus dirigentes políticos, outras vezes movida pelo dinamismo da sociedade civil. Termino com uma frase que li ontem (4 de maio) dita pelo fundador da Associação Portugal-Brasil 200 anos, José Manuel Diogo, que a propósito da recente legislação portuguesa sobre mobilidade, no âmbito

5 de maio – Sessão comemorativa do Dia Mundial da Língua Portuguesa – Universidade Aberta, 2023

da CPLP, que deixo à interpretação e implicações para a vossa reflexão: “A língua portuguesa é uma cidadania...” e a seguir “É provavelmente a única língua em que, até hoje, neste tempo de conectividade global, um dos países criou uma lei que faz com que falantes dessa língua [nos países da CPLP, pressupõe-se] possam viver noutro país... porque assenta na pertença de uma língua comum e não numa geografia.” e que designou como a “desmaterialização da cidadania”, o que, na minha perspetiva e sem conotações simbólicas, assenta bem na língua portuguesa.

Lisboa, 5 de maio de 2023

(revisto pelo autor em setembro de 2023)

Bibliografia

CABRAL, Amílcar, 1974a – *P.A.I.G.C: Unidade e Luta*. Lisboa: Nova Aurora.

Filipe, Mário (2021). *Aspetos de política de língua e gestão linguística: notas sobre Portugal e a gestão linguística da língua portuguesa*. [Em linha] Lisboa: Universidade Aberta. 89 p. (eUAb. Ciência e Cultura; 15). E-book, ISBN 978-972-674-909-7. <https://repositorioaberto.uab.pt/handle/10400.2/11493>

Reto, Luís; Crespo, Nuno; Espanha, Rita; Esperança, José; Valentim Fábio (2020). *O Essencial Sobre a Língua Portuguesa como Ativo Global*, IN-CM, Lisboa, Portugal.

Reto, Luís Antero; Machado, Fernando Luís; Esperança, José Paulo (2016). *Novo Atlas da Língua Portuguesa*, IN-CM, Lisboa, Portugal.

Sítios eletrónicos

Ferreira, José Pedro; Correia, Margarita; Almeida, Gladis de Barcellos (orgs.) (2017). *Vocabulário Ortográfico Comum da Língua Portuguesa*. Praia: Instituto Internacional da Língua Portuguesa / Comunidade dos Países de Língua Portuguesa. [Vocabulário Ortográfico Comum da Língua Portuguesa \(cplp.org\)](http://vocabulary.cplp.org)

[IILP – Instituto Internacional de Língua Portuguesa \(iilp.org\)](http://iilp.org)

[Portal da Língua Portuguesa \(portaldalinguaportuguesa.org\)](http://portaldalinguaportuguesa.org)

Projeto Albertina PT [Já conhece o Albertina PT? | Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa \(ulisboa.pt\)](http://www.albertina.pt)

[Most Popular Languages Used on the Internet by 2023 \(optimational.com\)](http://optimational.com)

[Most used languages online by share of websites 2023 | Statista.](https://www.statista.com)

[Lula da Silva defende português como língua oficial na ONU - Forbes África Lusófona \(forbesafricalusofona.com\),](http://forbesafricalusofona.com)

[Lula quer que CPLP proponha português como língua oficial da ONU \(tsf.pt\),](http://tsf.pt)
[Lula cobra ONU para que adote o português como língua oficial \(realtime1.com.br\)](http://realtime1.com.br)